



FORTE DE RATHNADRINNA: ARQUEOLOGIA E IMPLICAÇÕES AMBIENTAIS

Rathnadrinna Fort: Archeology and Environmental Repercussions

Fuerte de Rathnadrinna: Arqueología y Repercusiones Ambientales

Mickaela Schwab Muniz¹

RESUMO

Em 2009, tiveram início pesquisas arqueológicas inéditas em um forte em Cashel, Tipperary, República da Irlanda, por Richard O'Brien, Heather Gimson e James Bonsall, financiadas pelo Heritage Council e pela Royal Irish Academy. Conhecida como "Cashel of the Kings", é tida no meio arqueológico como importante local de evidências de ocupação da realeza medieval. As recentes descobertas suscitaram diversas perguntas que envolvem questões ambientais. O presente artigo, a partir de uma revisão bibliográfica, abre-se para respostas embasadas nas escavações anuais passadas e vindouras.

Palavras-chave: Forte de Rathnadrinna – Patrimônio - Arqueológico Irlandês – História Ambiental

ABSTRACT

In 2009, started unpublished archaeological researches in a fort located in Cashel, Tipperary, Republic of Ireland by Richard O'Brien, Heather Gimson and James Bonsall, funded by the Heritage Council and the Royal Irish Academy. Known as "Cashel of the Kings", it is seen by the archaeological society as an important site with evidence of medieval kingship occupation. Recent findings have raised several questions involving environmental issues. This article, based on a literature review, opens up for answers based on annual excavations in past and future.

Keywords: Rathnadrinna Fort – Irish Archeological - Heritage – Environment History

RESUMEN

En 2009 se inició la investigación arqueológica inédita en un fuerte en Cashel, Tipperary, Irlanda, de Richard O'Brien, Heather y James Gimson Bonsall, financiado por el Consejo de Patrimonio y la Academia Real Irlandesa. Conocido como "Cashel de los Reyes", es considerado como un medio importante en el sitio arqueológico con evidencias de ocupación de la realeza medieval. Descubrimientos recientes han planteado varias preguntas sobre temas medioambientales. En este artículo, a partir de una revisión de la literatura, se abre para respuestas con base en excavaciones anuales pasadas y futuras.

Palabras clave: Fort Rathnadrinna - Patrimonio - Arqueología irlandesa - Historia Ambiental

¹ Pesquisadora – Grupo de Estudos Península Ibérica: da Antiguidade Tardia à Reconquista – Universidade Federal de Alfnas. E-mail: mickaela.schwab@gmail.com, sob orientação do Professor Adjunto de História Antiga – Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Alfnas, Cláudio Umpierre Carlan. E-mail: claudiocarlan@yahoo.com.br



Introdução

O meio ambiente tem se tornado um tema cada vez mais abordado em nossa civilização, em vista de estarmos num momento histórico de conscientização e de preocupação com nossos recursos naturais.

O ser humano parece ter percebido (mais uma vez), que os recursos que exploramos, sem os quais não vivemos, são finitos, necessitando ser preservados e reciclados. A sociedade humana atual pode entrar em colapso por conta da superexploração do meio ambiente, a qual pode ser comparada ao que Diamond (2007: 165) chama de expansão autocatalítica.

O comportamento natural do ser humano é o de explorar e explorar, crescer e crescer até o limite, muitas vezes, esquecendo-se de tal limite. “Na expansão autocatalítica da população humana, as vantagens iniciais que as pessoas obtêm (como vantagens tecnológicas) trazem-lhes lucros ou descobertas, que por seu turno estimulam mais gente a buscar lucros e descobertas, que resultam em ainda mais lucros e descobertas, que estimulam ainda mais gente a fazer o mesmo, até que as pessoas tenham ocupado todas as áreas disponíveis com tais vantagens, ponto em que a expansão autocatalítica para de catalisar a si mesma e perde a força” (DIAMOND, 2007: 165). Assim, polinésios, portugueses, espanhóis, vikings e os mais diversos povos sofreram esse tipo de expansão, que nada mais é do que uma sucessão de tentativas e descobertas com obtenção de sucesso, que geravam mais interesse por novas tentativas, até que as opções se esgotavam e o processo de expansão passava a declinar.

A expansão dos polinésios, dos portugueses, dos espanhóis e dos vikings começou a declinar quando todas as áreas prontamente acessíveis aos seus navios já haviam sido saqueadas ou colonizadas, e quando os vikings, que voltavam para casa, pararam de trazer histórias de terras além-mar desabitadas ou facilmente pilháveis (DIAMOND, 2007: 165).

O mesmo ocorre com os recursos ambientais que possuímos. O ser humano explora toda a capacidade da terra que habita, sem se preocupar com o fato de tudo ser finito.

A pesquisa histórica vem revelando que a preocupação intelectual com os problemas “ambientais” esteve presente, ao menos no mundo de expressão europeia, desde o final do século XVIII, ocupando um lugar relevante no processo de construção do pensamento moderno (GROVE & PÁDUA, apud RAUMOLIN, 2002: 82). A grande novidade das últimas décadas esteve na difusão desse tipo de debate para uma parcela muito mais ampla da esfera



pública. O saber acadêmico foi desafiado e estimulado por tal movimento (PÁDUA, 2010: 82).

A História Ambiental é um ramo recente do conhecimento e entra em pauta nesta época de conscientização. Como campo historiográfico consciente de si e crescentemente institucionalizado nas academias de diferentes países, começou a estruturar-se no início da década de 1970. A primeira sociedade científica voltada para esse tipo de investigação, a American Society for Environmental History, foi criada em 1977. No entanto, algo bem diferente da simples proposição de influências naturais na história humana já vinha se delineando desde a primeira metade do século XX e, em certa medida, desde o século XIX (PÁDUA, 2010: 81).

O pensamento ambiental sofreu amplas transformações ao longo da História. Comentando apenas brevemente sobre a formação desse pensamento – que, aliás, se manterá em constante construção – pode-se verificar contínuas revoluções desde o início da História do ser humano. Primeiro, surgiu o pensamento cronológico bíblico, no qual a Terra teria em média a idade de 6 mil anos. Depois, ocorreu uma mudança, com cientistas como Buffon, que avaliou a idade da Terra em 70 mil anos. Logo depois, houve uma grande revolução oriunda dos geólogos, que em primeira mão, sugeriram milhões de anos para o nosso planeta, tendo-se verificado, depois, que existe há 4,7 bilhões de anos.

Desta perspectiva, passamos a observar a Terra com uma História Ambiental que só poderia ser estudada do ponto de vista de uma grande escala de tempo. Entretanto, não há apenas uma abordagem para este tipo de estudo. De acordo com Pádua (2010: 88), a revolução cronológica nas ciências naturais produziu grande impacto epistemológico nos historiadores ambientais, que vêm buscando metodologias que permitam investigar a história humana em um marco temporal mais abrangente. Ou seja, a repensar o lugar do ser humano no quadro mais amplo da história do planeta. Não se trata, por certo, de sempre trabalhar na longuíssima duração. Pode-se fazer história ambiental de períodos relativamente curtos, mas sempre tendo em mente, ao menos como pano de fundo, a presença de grandes escalas na constituição dos fenômenos que estão sendo analisados (PÁDUA, 2010: 88).

Cada vez menos, então, a História Ambiental pode ser ignorada. Além dessa evolução do pensamento humano, é importante ressaltar que cada vez mais temos um contexto em que homem e natureza estão em contato, seja de forma harmoniosa, seja degradando-a, seja explorando-a. Além disso, é cada vez mais notório que a história humana é diretamente influenciada pelo meio ambiente, assim como a história do meio ambiente é totalmente afetada pelo ser humano. Isso é comentado por Pádua (2010: 95), quando fala dos



três níveis de leitura histórica dos fatores ecológicos: o primeiro nível trata de “uma história quase imóvel, que é a do homem nas suas relações com o meio que o rodeia, uma história lenta, de lentas transformações, muitas vezes feita de retrocessos, de ciclos sempre recomeçados” (BRAUDEL, 1995: 25), em contraposição à maior velocidade dos movimentos sociais e individuais. O segundo nível diz respeito à constituição socioeconômica das sociedades, em sua inter-relação necessária com determinados espaços geográficos. Por influência direta de Marx, Worster (apud PÁDUA, 2010: 95) utilizou o conceito de “modos de produção”, sendo que a cultura material, os meios tecnológicos, a “segunda natureza” produzida pela ação humana inserem-se nesse nível de análise. Por sua vez, O’Connor (apud PÁDUA, 2010: 95) elaborou uma leitura marxista da história ambiental, chamando a atenção para o conceito de “condições de produção”. O terceiro grande nível mencionado por Worster (apud PÁDUA, 2010: 95) diz respeito às dimensões cognitivas, mentais e culturais da existência humana, incluindo cosmologias, ideologias e valores. O comportamento social dos seres humanos em relação ao mundo natural, assim como a própria estruturação socioeconômica da vida coletiva, passa pelas visões de natureza e dos significados da vida humana.

Assim como os meios de comunicação, campanhas e ONGs são importantes na luta pela preservação do meio ambiente, a História Ambiental cumpre seu papel dando-nos o exemplo do que ocorreu no passado, para que possamos corrigir os erros do presente. As histórias sobre o fracasso de sociedades antigas abordadas no livro *Colapso* são facilmente trazidas ao nosso presente, e com elas pode-se evitar um novo colapso. Maias, anazasis e vikings são povos que entraram em colapso em algum momento da história, em conformidade com o autor de *Colapso* (DIAMOND, 2007), e o meio ambiente teve participação em tais eventos. Falando sucintamente, tomemos como exemplo o caso dos vikings na Groelândia:

A queima de madeira em si não produz temperatura suficientemente alta para se trabalhar o ferro. Em vez disso, a madeira precisava primeiro ser queimada para a formação de carvão, que suporta um fogo de alta temperatura. Medições feitas em diversos países mostram que são necessários cerca de dois quilos de madeira para fazer 500 gramas de carvão. Por causa disso, somado ao baixo conteúdo de ferro da limonita, a extração e a produção de instrumentos de ferro vikings e até mesmo o conserto de instrumentos de ferro consumiam enormes quantidades de madeira, o que se tornou um fator limitador na história da Groenlândia viking, onde havia poucas árvores (DIAMOND, 2007: 168).

O exemplo do colapso dessa população e o estudo desse caso, leva-nos a aplicar medidas adequadas a situações modernas e até mesmo futuras, partindo para uma ação mais sustentável, sem visar apenas o progresso, mas medindo as consequências. Acima de tudo, a



história ambiental rejeita a premissa convencional de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais, de que os humanos são uma espécie distinta e "supernatural", de que as consequências ecológicas dos seus feitos passados podem ser ignoradas (WORSTER, 1991: 199).

História e Arqueologia Ambiental

Após uma breve introdução referente ao foco do estudo do meio ambiente na História, entra-se no contexto do trabalho propriamente dito. Não se visa aqui apenas o estudo histórico e documental, mas também o empírico. A Arqueologia em si pode ser vista como uma forma empírica de abordar a História.

Ainda sobre História Ambiental, seu objetivo principal se tornou aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com quais resultados (WORSTER, 1991: 200). A primeira tentativa de definir esse novo campo foi o ensaio de Roderick Nash (apud WORSTER, 1991: 200) intitulado "The state of environmental history" [A situação da história ambiental]. Nash recomendava que encarássemos toda a paisagem ao nosso redor como um tipo de documento histórico sobre o qual (o ser humano) vem escrevendo a respeito de si mesmo e dos seus ideais (WORSTER, 1991: 200). Pois, então, assim como a História Ambiental vê dessa forma o ambiente que rodeia o Homem, a Arqueologia é sobre vida humana no passado. Sob uma perspectiva arqueológica, as pessoas deixam um registro imperfeito da própria vida em forma de sedimento e solo modificado, contendo porções de detritos inorgânicos e orgânicos (REITZ & SHACKLY, 2012). O ambiente construído expressa a cultura. O seu estudo já progrediu bastante com a História da Arquitetura, da tecnologia, da cidade e da Arqueologia (WORSTER, 1991: 201).

Em termos bem simples, portanto, a História Ambiental trata do papel e do lugar da natureza na vida humana. Há um consenso de que "natureza" designa o mundo não-humano, o mundo que nós não criamos originalmente. O "ambiente social", o cenário no qual os humanos interagem uns com os outros na ausência da natureza (WORSTER, 1991). Entretanto, a Arqueologia Ambiental, ou qualquer estudo focado nesse campo não se limita a tais interações. É consenso que o ser humano é completamente inter-relacionado com o ambiente que o cerca. Salvo, talvez, pela ciência moderna, na qual há sempre a tentativa de se criar algo sem a necessidade de recursos naturais, é consenso que a natureza é a mantenedora do ser humano como soberano no planeta. Sem recursos naturais não há meio de



sobrevivência, havendo, portanto, necessidade de ciências que se ocupem de tais interações. Investigar as interações humano-ambiente usa observações contemporâneas de dinâmicas de população e comunidade, aplicadas por uma analogia ecológica a materiais ecológicos (REITZ & SHACKLY, 2012).

Como o contexto arqueológico é, por definição, primariamente cultural, é um estudo inevitavelmente interdisciplinar, onde ciências culturais e sociais aliar-se-ão a conceitos puramente biológicos (como estudos de populações, comunidades, interações ecológicas, entre outros). Embora ambientes tenham características intrínsecas, pessoas conferem um adicional de significado a eles. Arqueólogos ambientais examinam essas relações guiados por teorias e práticas retiradas de estudos biológicos, químicos, físicos e sociais. Esse campo eclético enfatiza relações sistêmicas entre pessoas e o meio ambiente a sua volta (REITZ & SHACKLY, 2012). Há, então, a preocupação com a reconstrução desses antigos ambientes, elucidando a significância das comunidades humanas juntamente com eles. Temos que entender a natureza das relações entre homens e a Terra no passado, levando em consideração a fragmentação das informações arqueológicas e os processos de mudança, naturais tanto do ser humano quanto da terra que habita (REITZ & SHACKLY, 2012).

A Arqueologia Ambiental é melhor servida com a fusão de perspectivas de diversos campos, e divide três interesses com outras ciências. Um interesse explora relações entre função (propósito) e estrutura (organização, forma). Outro examina traços hereditários (genética, natureza) e padrões comportamentais adquiridos (cultura, educação). O terceiro interesse considera causas, processos e consequências de mudanças e estases através do tempo e do espaço (REITZ & SHACKLY, 2012). Uma das teorias que unificam os estudos de Arqueologia é o Uniformitarismo. Essa teoria, que vem do geólogo escocês James Hutton do final do século XVIII, propõe que processos biogeoquímicos e outros que ocorrem nos dias atuais também ocorriam no passado e produziam os mesmos efeitos. Baseados nessa teoria, arqueólogos ambientais usam proxies (registros indiretos de fenômenos) para acessar fontes de matérias primas, verificar datas de manufatura, e considerar o local desses materiais e sua identidade, assim como uma afiliação temporal e comportamental (contexto) (REITZ & SHACKLY, 2012). Assim é possível localizar campos de batalha, documentar a ascensão e a queda de centros urbanos, e traçar padrões migratórios. Estuda-se iconografia, expressão ritual e história cultural. Mas, o ponto forte da Arqueologia Ambiental é a aplicação de teorias e práticas biológicas, químicas e físicas em questões sobre o passado humano, especialmente sobre as relações entre pessoas e ambientes (REITZ & SHACKLY, 2012). São essas aplicações que serão propostas a partir das escavações em Rathnadrinna.

O Forte de Rathnadrinna

Por questões de definição, a palavra *rath* é usada no trabalho de Proudfoot (1970) como um termo arqueológico sem implicações linguísticas, para descrever obras de terraplanagem pequenas, geralmente circulares, que as escavações têm mostrado serem fortes construídos como fazendas fechadas. *Cashel*, apesar de também ser o nome da cidade onde foi realizada a escavação, é uma palavra igualmente utilizada para se referir a recintos circulares, porém, esses, construídos de pedra, são os interlocutores do *rath*. A distinção entre *rath* e *cashel* é um tanto arbitrária, mas ambos, tanto os bancos de pedra quanto os de terra, se encontram, embora *cashels* raramente tenham valas, e os bancos devam ter sido construídos de pedra coletadas ou extraídas localmente (PROUDFOOT, 1970: 37-48).

Após uma breve definição, é interessante que alguns detalhes sobre os fortes escavados localizados na Irlanda sejam expostos para maiores esclarecimentos e para que, enfim, possa ser introduzido o Forte de Rathnadrinna. A parte essencial do *rath* ou *cashel* é a área central fechada, que é, geralmente, circular, embora ocasionalmente exemplos ovais ou retilíneos também possam ocorrer. Alguns exemplos são, talvez, fossos retilíneos medievais de herdades, outros talvez *bawns* (trincheiras muitas vezes reforçadas com estacas ou cercas para proteger o gado de ataques) de data posterior. A dimensão da área fechada varia, mas na maior parte dos sítios escavados o diâmetro é entre 80 e 200 metros. Recintos cercados por mais de um único banco e vala são relativamente raros, mas muito mais impressionantes na aparência, como o Forte de Dundrum (PROUDFOOT, 1970: 37-48).

Rathnadrinna, ou em irlandês *Rath na Drinne*, que significa “Fort of the Contest” (Forte de Disputas), fica localizado há três quilômetros de Cashel, na região de Munster, na República da Irlanda. Cashel é conhecida como Cashel of the Kings por ter sido escolhida como um centro da realeza, até mesmo antes da Era Medieval. Isso foi feito estrategicamente, já que a região de Cashel fica na divisa entre os antigos reinados de Munster e Leinster. Segundo Richard O’Brien, contudo, as escavações mostram que a ocupação do local data de um período mais antigo, provavelmente da Era do Bronze. Isso se deve aos achados não tradicionais associados a fortes: uma concentração de postes de madeira em disposição similar ao Stonehenge, o que dá uma ideia de uso ritualístico – enquanto que casas, lareiras e poços de lixo estão associados a achados tradicionais. O’Brien acrescenta que a função do local foi mudando ao longo dos séculos, até chegar à época medieval, quando lhe foi atribuída uma “função real”. Alguns destes sítios imponentes têm sido tradicionalmente considerados como residências de chefes menores (PROUDFOOT, 1970: 42).



Para muitos historiadores medievais, a posse do rei significa uma cerimônia de coroação em uma igreja importante, muitas vezes numa catedral. Na Irlanda, entretanto, cerimônias de posse, na maioria das vezes, eram realizadas em locais de reunião abertos, ao ar livre, cuidadosamente localizados na paisagem. Combinando essa experiência antiga com evidências documentais de que ocorriam coroações na área, é possível que Rathnadrinna tenha sido a *Lis na Urlmann* do século XII, um sítio de coroações de reis em Cashel.

Poucos lugares na Irlanda, nessas redondezas, refletem o triunfo do cristianismo sobre o paganismo tão bem quanto Cashel. Um dos problemas com os locais eclesiásticos antigos na Irlanda é que muitos se desenvolveram em centros maiores, proto-urbanos - pontos focais para desenvolvimento posterior que podem ocultar evidências das origens pré-históricas desses sítios. O início da Idade Média tinha uma sociedade complexa, bem-estruturada, dividida em áreas tribais, guardadas por reis e vice-reis. Nesse tempo, um grande número de fortes circulares foram construídos na Irlanda, muitos ocupando locais estrategicamente importantes. Esses fortes variam em escala e em importância, refletindo o *status* de seus ocupantes. No alto do topo da hierarquia estavam os "Sítios dos Reis", assim como Tara no Condado de Meath ou Navan Fort no Condado de Armagh (O'BRIEN, 2011: 1-3).

Situada praticamente no coração de Cashel, as ruínas de Rock of Cashel (Castelo de Cashel) evidenciam a importância arqueológica e histórica que o forte de Rathnadrinna possui. O solo fértil formado sobre os leitos de rocha calcárea que circunda Cashel é próprio para a lavoura e a criação de animais, semeando as sendas de uma agricultura próspera. Comandando as antigas planícies de Cashel, o forte foi tanto uma cidadela como um estado, anunciando a todos que a viam que se tratava de um território da realeza.

O Forte de Cashel é um afloramento dramático de rocha calcárea, que surge abruptamente da extensa e fértil planície do Golden Vale. É encimado por um grupo de ruínas eclesiásticas extraordinárias do século XII. Os registros históricos mostram tal importância, relatando ter sido o reinado dos Altos Reis de Munster, entretanto, o forte nunca foi escavado antes de 2009. O motivo disto é deveras interessante: a população da área rural irlandesa é geralmente de caráter supersticioso e possui diversas lendas e crenças de que os fortes construídos pertenciam às fadas, e que não era aconselhável o desmatamento ou qualquer intervenção humana em tais construções. Agora, após a primeira escavação, O'Brien tem substrato suficiente para começar uma investigação com conclusões mais concretas. A Arqueologia Ambiental será essencial nesse âmbito, e é exatamente o que propõe esse artigo. Reconstruindo ambientes e documentando mudanças ambientais, é necessário que



comparemos características encontradas no passado pela arqueologia com as que existem hoje, definindo, então, as características ambientais prevaescentes quando o local era ocupado, e documentando mudanças que podem ter ocorrido antes ou depois de tal ocupação (REITZ & SHACKLY, 2012: 23). Os achados no local, juntamente com as características do forte, os registros históricos e seu próprio nome já nos remetem à reconstrução daquele passado.

Escavações em Rathnadrinna

Rathnadrinna, até 2009, só era conhecida por registros históricos. Nada se sabia sobre sua real história, com evidências arqueológicas e pesquisas no campo. É por este motivo que a descrição aqui é essencialmente baseada no único artigo publicado sobre o assunto, no relatório feito por Richard O'Brien para a Royal Irish Academy e nas experiências em campo da própria autora. É importante ressaltar que alguma precisão de informações pode vir a faltar, pelo fato de ser uma pesquisa tão recentemente realizada. O projeto de escavação foi iniciado por Richard O'Brien, juntamente com Heather Gimson e James Bonsall (da empresa Earthsound de Geofísica). Primeiramente, foi solicitado financiamento ao Conselho do Patrimônio Irlandês, mas os autores do projeto também foram apoiados, inclusive financeiramente, pela Royal Irish Academy, que dá relevância acadêmica ao projeto.

O primeiro passo em uma escavação é o mapeamento geofísico do solo no local todo, o que foi realizado por Gimson e Bonsall. As constatações foram de ser um forte *trivallate*, o que significa ser um morro circular com três sessões (TS061-089001), situado em Lalor's Lot-townland, 3,33 quilômetros ao sul-sudeste da cidade de Cashel. Os registros históricos dizem que a partir do século VII d.C. Cashel era sinônimo da dinastia Eóganacht e mais tarde ainda o Cais Daleo de McCarthy até o final do século XII, o que atribui ao forte uma paisagem essencialmente real (O'BRIEN, 2011: 1-3).

O Forte de Rathnadrinna e suas cercanias provaram ser ideais para uma prospecção arqueológica e ampliou o valor das observações geofísicas: o emprego da alta resolução, as técnicas não-invasivas revelaram um monumento multi-periódico e multi-estratificado (camadas) da maior significância (O'BRIEN, 2011: 1-3).

Após as constatações geofísicas e as pesquisas realizadas entre 2009 e 2011, iniciou-se o processo de escavação em si. O procedimento básico na escavação foi realizar o mapeamento geofísico, delimitação dos cortes, retirada da primeira camada (orgânica) do solo, retirada das camadas geológicas do solo com análise das variações de cor, textura e



composição. A cada camada retirada foi feita uma análise detalhada do local, seguida de limpeza do solo para observações de padrões na coloração. Depois foi realizada a catalogação escrita e fotográfica dos locais.

O'Brien recrutou voluntários, que vieram de várias partes do mundo, o que demonstrou o interesse internacional por sua pesquisa. Começamos por fazer cinco cortes em locais estratégicos no forte. Os dados exatos de tais cortes ainda não foram divulgados, entretanto têm-se informações aproximadas. Foram ao todo cinco cortes, sendo o primeiro corte de cerca de 20 metros de comprimento por dois de largura e, em princípio, 20 centímetros de profundidade (o que foi sendo modificado ao longo do processo de escavação).

De acordo com o relatório enviado ao final da escavação à Royal Irish Academy, elaborado por Richard O'Brien, juntamente com as informações coletadas no trabalho de campo pela própria autora, a escavação durou nove semanas, isto é, desde 11 de junho até 10 de agosto de 2012, sob Licença de Escavação nº 12E157. Dois cortes foram abertos para investigar os bancos e as valas da fortaleza, e também as características geofísicas a partir de levantamentos anteriores. Fora do forte, duas valas não datadas foram encontradas: as valas pareciam ter *postholes* (em Arqueologia, corte feito por superfície de madeira ou pedra e por ela preenchido) e poços pequenos, todos sem data e estéreis, os quais tanto podem ter sido associados com assentamentos fora do alcance do forte quanto com assentamentos pré-históricos. Alguns *postholes* e elementos de pedra estreitos e alinhados podem ter sido parte de alguma estrutura. Foram encontrados os restos parciais de um forno de pedra usado para secagem de cereais: o empedramento nas proximidades pode ter sido uma região de trabalho. A chaminé do forno foi traçada, pela susceptibilidade magnética, para o leste além da escavação. Na vala escavada encontrou-se argila, carvão queimado e um objeto de ferro não identificado. Fornos semelhantes escavados em torno de Cashel foram datados de VI–XII d.C. Um depósito próximo de estrume era do início da era moderna: sob estes traços pode-se inferir a existência de uma vala sobrevivente de outro forte.

As valas do forte eram geralmente de fundo chato com lados inclinados. As bases foram revestidas com pedras densas e o conteúdo da vala era muito semelhante a argilas homogêneas. A Vala C continha um depósito raso de solo rico em carvão vegetal. A Vala B continha os depósitos de pedra fixadas contra a face interna do Banco 1, que por sua vez tinha um perfil em degrau: estes depósitos podem ter sido colocados para reforçar o banco ou poderiam representar as características de paisagismo pós-medieval. Cada vala produziu restos faunísticos, em particular a Vala D, que continha ossos da perna de bovinos, dentes e clavícula. Um objeto de ferro curvo pequeno foi encontrado em um enchimento superior da

vala B e uma pistola de chumbo rodado em um enchimento superior da vala D. O Banco 3 parecia consistir de material cultural, sob a forma de pedras queimadas, e um *posthole* único contendo um depósito rico em carvão. Três dos bancos continham superfícies de pedra, atualmente sem data. Os dois bancos exteriores são muito mais substanciais, com superfícies pavimentadas ao longo de suas cúpulas.

Dentro do forte, uma anomalia geofísica foi identificada como uma vala anterior ao forte. A vala tinha um corte em poço de data desconhecida, e ela própria foi preenchida com depósitos, em grande parte estéreis. A vala tem depósitos parciais de pedra, em barro, cheios de carvão vegetal: dentro dessas camadas foram encontrados ossos humanos cremados, dentes de animais e um pequeno chifre. Não houve evidência de queima *in situ*. A vala foi selada por um horizonte de argila que se estendeu para o sul do banco no interior da fortaleza. Em outros lugares do interior do forte (Figura 1) continha uma infinidade de *postholes*, *stakeholes* (em Arqueologia, buraco cavado antes de algo ser colocado nele), poços e alguns em grupo, formando complexos em arco, todos sem data e em grande parte estéreis. Claramente, alguns dos *postholes* foram substanciais o suficiente para suporte de carga, embora em nenhum deles contivesse mensagens substanciais, como pedras. Atualmente, estas características são encontradas em solo compactado, no corte que ocupa o centro do forte, tal como identificados a partir da geofísica. Encontra-se, geralmente, constituída por *cherts* (grãos finos, microcristalinos, ricos em sílica, criptocristalinos ou rochas sedimentares microfibrosas, que podem conter pequenos fósseis) e *flints* (uma variedade de chert, feito de quartzo, geralmente facilmente lascável, comumente usado na Pré-História para manufatura de ferramentas e armas) – não diagnosticados (O'BRIEN, 2011: 1-3).



Fig. 1: Escavação dentro do forte. Fonte: Richard O'Brien, diretor do projeto de escavação.



Considerações finais

Com essa primeira escavação, dados essenciais para o início de uma pesquisa mais aprofundada na área de Arqueologia Ambiental já estão acessíveis. Com a análise de todo o material encontrado e todas as informações catalogadas, é possível iniciar a reconstrução do local, tanto no aspecto estrutural, quanto no cultural, no histórico e no ambiental. Entretanto, como o próprio O'Brien coloca em seu relatório para a Royal Irish Academy, mais escavações são necessárias para revelar a natureza desse complexo sítio, e ajudar na interpretação da paisagem real e antiga de Cashel.

Referências bibliográficas

- DIAMOND, J. *Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso*. Trad. Alexandre Raposo. 5ªed., Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007.
- O'BRIEN, R.; GIMSON, H. & BONSALE, J. "Revealing Royal Rathnadrinna". *Current Archaeology*, pág. 26-33, Issue 259, 2011.
- O'BRIEN, R. *Summary Report to Royal Irish Academy*. Cashel: Co.Tipperary 12E15.7, 2012.
- PÁDUA, J.A. "As bases teóricas da História Ambiental". *Estudos Avançados*, vol.24, nº 68: 81-101, 2010.
- PROUDFOOT, B. "Irish raths and cashels: some notes on chronology, origins and survivals". *Ulster Journal of Archaeology*, University of Alberta, Edmonton, vol. 33, third series, pág. 37-48, 1970. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20567665>
- REITZ, E.J.; SHACKLEY, M. "Introduction to Environmental Archaeology", *Archaeological Method and Technique*, pág. 1-39, Springer, 2012.
- WORSTER, D. "Para fazer História Ambiental". *Revista Estudos Históricas*, vol.4, nº 8, 1991.